

“QUATRO LINGUAGENS – QUATRO OLHARES”

Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Somos inevitavelmente presos pelas imagens. A imagem chega primeiro carregada de significados... o sorriso da mãe, a marca do brinquedo, a propaganda do chocolate, o ídolo do futebol, o rótulo do iogurte, o joguinho do celular... somos infinitamente imagéticos.

A criança do 1º Ano já conquistou a representação da forma pela linguagem do desenho e está aprimorando a linguagem escrita. Duas linguagens que se cruzam e revelam a inserção desta criança no mundo dos símbolos, sua percepção sensível do mundo e seu reconhecimento como ser cultural – que produz cultura. Assim ela afirma feliz... sou desenhista, sou escritor.

Mas essas linguagens podem ser cada vez mais aprimoradas na medida em que ampliamos nossas referências visuais e/ou textuais e dialogamos com outras formas representativas da realidade.

Nas aulas de ARTE, as crianças do 1º Ano conheceram 4 artistas, 4 linguagens, 4 olhares e com eles dialogamos sobre desenhar e representar, descobrimos as infinitas possibilidades da linha, da textura, do ponto, do movimento a partir de perguntas como: O que é desenhar? Podemos desenhar sem lápis, tinta ou papel?

Diante de tais perguntas nos colocamos frente a vários problemas visuais. Primeiro: o que **acreditamos** ser desenho. Pode um risco ser desenho? Desenhar é representar o mundo, mas qual mundo? O mundo que eu vejo ou o aquele que eu invento. Podemos desenhar somente coisas que existem? Segundo: qual é o **espaço**, o suporte e os materiais para desenhar? Preciso de lápis e papel, tela e tinta? Terceiro: **como** desenhar. Como transformar o que eu vejo com formas, texturas, cheiros, profundidade, cor, luz e sombra em linhas que vão representar essa visualidade.

Depois de uma visita à exposição no Passo das Artes, conhecemos o trabalho de Daniel Coscarelli e descobrimos que é possível desenhar com pontos.

Kandinsky nos apresentou um mundo formado por formas, cores e linhas que nada representam a não ser a beleza pura desses elementos. A composição das crianças, organizada com esses elementos revelaram um equilíbrio de forças em obras de grande harmonia.

As brincadeiras da infância de Portinari nos trouxeram a experiência de um corpo que expande em movimentos e a fusão de linguagens – desenho e pintura.

E, por fim, Vik Muniz: misto de surpresa, habilidade, criatividade e conceito. O desenho perde a linha clássica do risco e se torna forma com objetos do cotidiano escolar. Mais uma fusão de linguagens – desenho e fotografia.

Ao refletir sobre o desenho, questionamos os limites da arte, dialogamos com a observação, memória e imaginação e ampliamos as possibilidades de poder buscar sempre novas experimentações como forma de expressão, para dizer o que eu penso, o que eu sinto e o que eu sou.

A exposição “Quatro linguagens – quatro olhares” propõe um olhar investigativo, curioso que não se deixa cristalizar pelos saberes prontos, assim como os olhares das crianças, abertos para o mundo e para o novo.

Rose Amaral